

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº87 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2003  
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**ARTUR MORETTI** - Física  
**CELSO FERRAREZI** - Letras  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação  
**MARIO COZZUOL** - Biologia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

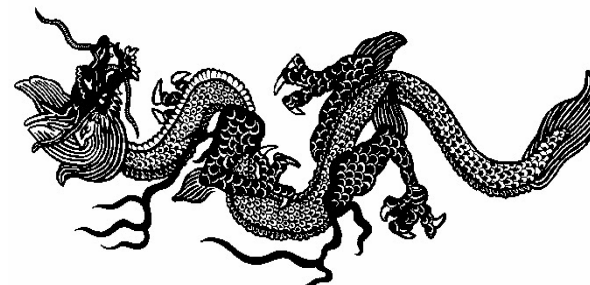
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**87**



## O LADRÃO DA CALÇA DE CASIMIRA

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



## **Clodomir Santos de Moraes**

Professor de Sociologia Rural

jacintaclodomir@hotmail.com

## **O LADRÃO DA CALÇA DE CASIMIRA**

Devia ser gente, daqui mesmo, dizia o alfaiate Otacílio-de-Mariinha-de-Siá-Celina. Gente das pontas de rua, que vive morrendo de fome, anda por qui e sabe dos hábitos de todo mundo. Gente de fora, brejeiro, ou remeiro, não tem tempo pra andar pelos fundos das casas espiando os costumes. Brejeiro, nem se fala. Chegou, vendeu, comprou, vai embora antes do sol se por, se vem de pés. Se vier a cavalo, é porque mora mais arredado, e, por isso, arriba cedo. Não pode ver as coisas dos outros. Interessa não. De mais a mais, ninguém nunca viu falar de brejeiro roubando. Vê não. Brigam lá no mato por causa de boi e porco que fuçam cerca; por causa de melancia que menino furta e de jumento pastor-solto. Mas, roubo mesmo não se vê falar. São gente de muita vergonha e seriedade. Querem é lavrar seu pedacim de terra, na meia ou na terça e não cuidam de mais nada

- Não parece, seu Otacílio- interveio a vizinha dona Ingrácia de Queiroz - em vintoito os brejeiros...

- Vintoito foi quadra de crise e muita fome, voltou Otacílio para reafirmar: brejeiro só rouba se a fome ou a crise é grande. Digo e não estou puxando pano pra minha garupa, não. Não sou do interior do município, nem da cidade nem mexo com lavoura. Está aí o velho Diolindo, meu pai, que é alfaiate; eu continuo na arte e Jeovah, meu filho, já está fazendo casa de paletó sem cabresto de dedal no dedo.

Dona Ingrácia que já estava de passagem, com dois passos entrou na casa de Nita de Nezim Lisboa onde se deu o furto a fim de ver o que o delegado Joaquim Lisboa e o soldado Mirão iriam resolver.

Não só Mariinha, sua esposa e os discípulos da tenda ouviram as palavras de Otacílio. A sogra, Siá Celina, puxadeira de terço e de ladainha na Matriz, rebuscando as coisas da cozinha com o credo e outras orações na boca, ouvia e murmurava. Vai não vai, soltava uns susurros sagrados com que, a qualquer hora do dia ou da noite, procurava se proteger e proteger aos seus das tentações do Demo e dos maus espíritos.

Era quem mais estava atenta ás danações dos pecados, não medindo terço nem rosários, ofícios e litanias demoradas para manter longe da Santa Maria da Vitória as "coisas feitas" do Véi Binigo, feiticeiro exímio e tirador de feitiços e mendracas a desamarrar esposos e noivos.

No mês anterior fizera três promessas até acabar com um lobisomem que, na forma de porco-barrão arrastando correntes, comia as galinhas da rua das Cobras. Desrespeitou até a cruz de rosário de coco tucum "que Siá Bertulina botou no quintal por prevenimento.

Já no ano passado, por causa de uma música de carnaval, as moças e os rapazes só viviam dizendo "nem queira saber o gosto bom que tem" . Tornou-se a moda em qualquer dedo de prosa um "nem queira saber".

Foi uma epidemia de “nem queira” acompanhada sempre de “mangação e risadagem sem compostura” até menino pequeno tinha um “nem queira” na boca. Siá Celina já havia adivinhado: é invenção do Diabo.

Siá Rimita e Siá Rôla, santeira da igreja do menino Deus, que até nas vestes procuravam se parecer com as santas das folhinhas e dos almanaques, se protegiam com a cruz na boca, persignando-se toda vez que ouviam um “nem queira”.

Não tardou uma semana e, misteriosamente, três moças caíram no mundo, botadas na rua não se sabe por quem. Não ficaram mulher-dama, rapariga da rua da confissão, porém os bochos cresceram e elas se mudaram antes de parir. Era o “nem queira” andava solto pegando as folhas dos outros. A velha tinha razão e era a quem cabia dar a última palavra sobre o furto ocorrido no vizinho.

A calça de casimira de Nezim Lisboa só tinha sido vestida umas poucas vezes: no casamento de Nita de Jão Augusto; nas festas do Divino e no enterro do finado Henrique de França e da finada de Loló de Antônio de Bruno. Novinha, quase sem uso apesar dos sete anos.

Para não desbotar com o sol, Nita estendeu a calça de casimira no sereno. Com álcool e uma boa escovada, no dia seguinte, estaria pronta para Nezim envergar na missa da padroeira.

Mas, de manhã, cadê? O arame estava limpo. Reviraram-se os baús. Um esquecimento, quem sabe!; doidice de empregada que não se acostumou ainda com a casa nova.

- Furto não pode ser, que ladrão não entra em quintal murado, ponderou o próprio Nezim. Oxent! - retrucou Mário Campos - Outro dia um ladrão não saltou, de noite, o muro de Dona Astéria e o de seu Cassiano pra roubar a enxó dele? Besteira! Ladrão não respeita fechadura, quanto mais muros!

Houve um remexido na casa toda, sem resultado. Foi Nana, filha única do casal, quem deu fé, e Enéas-de-João Augusto, cunhado de Nezim, também metido na procura do desaparecido, soltou um suspiro de espanto e desabafo.

- Tá vendo, gente! Menino vê coisa que a gente não vê. É de vera. Olha aí o rastro!

Todos saíram acompanhando e afugentando as crianças para não desmanchar o decalque na areia do quintal. Era de manhãzinha e havia quem assegurasse que, além de fresco, o rastro ainda estava quente.

Falta o dedo minguinho do pé esquerdo, constatação que todo mundo ser invadida pela pergunta: quem na Santa Maria da Vitória não tem o minguinho do pé esquerdo?

E saíram Nezim Lisboa e os vizinhos recurvados, pesquisando os rastros até a várzea do campo de futebol, onde o pó amarelo deixava nítidas as rachaduras do calcanhar.

- Gente com defeito no pé, aqui, tem muito. Só na rua de cima, - calculou Pedro de Catulino-Seleiro, que àquela hora já vinha da manga de Ioiô Rocha, onde fora buscar um burro - tem muito aleijado dos dedos. Falta um, dois, três e até todos. Quem trabalha na roça está arriscado a ficar até sem o pé quanto mais sem os dedos. Deve ter sido algum brejeiro luxento que quer ficar lorde nas festas.

Otacílio que entrara abusando na conversa, perguntando - que labóro é esse? - ao atravessa a cerca do quintal foi logo discordando da tese:

- Se fosse assim Pezim Coveiro não tinha seis dedos em cada pé. Oxent! Não só é roceiro como também trabalha com covador e enxadão na abertura de covas do cemitério. É coveiro há dez anos e nunca perdeu um dedo. o melhor mesmo - sugeriu - é cobrir os rastros com palha para depois o delegado investigar.

A notícia correu de pressa como toda a má notícia. Do Tamarindo de Cima até a praça do Pequiseiro era só o que se falava: - Roubaram a calça de casimira de Nezim Lisboa.

- Hen, hen, gente! Logo nas ves'pras da padroeira. Quand'é fé dentro de casa mesmo. Gente rica, hum! Tem tanto baú que nem sabe onde guardou os trens. Nem carece de afobação, basta procurar sem vexame. Dona Janoca dizia isso por experiência própria, pois já fora abastada antes de se enviuvar. O finado marido, capitão Ernesto Branco, não sabia o que possuía, tanto era o dinheiro que mandava e desmandava na Santa Maria da Vitória. Só não tinha mais do que os Coronéis Clemente Araújo e Bruno Martins da Cruz. Porém tinha mais do que Benevides da finada Dedé-Mãe de Vidigal.

Na esquina de Quinca Afonso no açougue de Chicão Reiseiro e nas bodegas de Zome e de Luíz de Arsênio e em tido quanto é lugar o comentário era a calça de casimira de Nezim Lisboa.

O delegado também cedo soube do fato, mas os últimos reparos da partitura de um dobrado não o permitiu abalar-se. Era o maestro da Filarmônica " 15 de novembro" , a Vitória, e tinha mais, na saída da Bandeira da Padroeira. Mais maestro do que delegado, Joaquim Lisboa nem se lembrou de que era irmão da vítima. Não deu ouvidos à conversa de boca. Continuando nos remendos do compasso hinário e dos bemóis aguardou a parte.

Otacílio voltou à tenda de alfaiate cheio de dúvidas. Sabia que o autor do furto não poderia ser um brejeiro.

Gente do campo é gente séria - repetia. Estou cansado de fiar feitiço de roupa pra cobrar na safra e todo mundo me paga. Brejeiro é gente séria e quando o dinheiro é curto porque o ano é ruim de chuva, livro sempre os aviamentos. A parte me pagam na safra seguinte. Para o ano sempre Deus ajuda. E suspirando - ai dos pobres se não fosse o par'o ano!

- Vai ver foi remeiro, Seu Otacílio, disse Elizário de Joaquim Piçarra. Remeiro mal encosta as barcas no cais e vai logo gastar dinheiro no cabaré de Mané Jegue com as raparigas com as doenças do mundo.

- Nem todos, meu filho - corrigiu o alfaiate. Os dedos das mãos não são iguais. Os remeiros de Luizim Barqueiro, por exemplo, não aborrecem ninguém. Já vem dançando dos cabarés de Juazeiro. Aqui não gastam nem furtam, nem ficam sem que-fazer!

Nita estava enfiada quando o delegado chegou acompanhado do soldado Mirão. Havia dado no quintal três gritos a São Lunguim, conforme fizera Dalina Piau e sua comadre Palú pra reaver as roupas do marido que os ladrões levaram na noite de São João. A confusão dentro de casa um que chegasse “tinha que contar tim-tim por tim-tim o ocorrido: do comecim até tudo” . E era um tal de entrar e sair gente comentando as coisas.

André Mudo foi chamado pra rezar o rastro do ladrão riscando-o com espinho de jurema. Do outro pé, o dedo aleijado, tirou-se terra para a velha Febroína, mãe de Zé Teixeira, amarrar na bainha da anágua, ao sussurro de rezas brabas. Tudo isso pra forçar o ladrão voltar ao local do crime ou deixar o furto em qualche lugar. Tinha que se tomar essas providências mais domésticas, pois sempre se disse que a polícia é grande mais a mata é maior. Ademais, a calça já ia longe. O pobre diabo, mais pobre do que o diabo mesmo, que a furtara, apesar dos cinquenta e tantos anos no costado, era bom andador. Antes de meia noite arribara para correntina, dose léguas, a fim de vender a calça de casimira e retornar a tempo de salvar os netinhos da disenteria e tosse-brava galopante.

Na barra do dia ele estava arredado sete léguas: já ia do São José pra cima. Fazia cálculo de, meio dia, alcançar ainda a feira de Correntina. Aí mesmo compraria os medicamentos que o doutor receitara para os meninos de Quinca Lino e os de Manoel Afonso que também tinha as mesmas doenças e incômodos dos seus netinhos. Se não tivesse na farmácia de Pedro Guerra, na loja de João Rego era certeza encontrar.

Na primeira légua andou muito. Era o medo de ser seguido e pegado. Na segunda pensou muito na vergonha de sentir ladrão. Da terceira em diante só via Toín se acabando com a casimira e Tudinha, Gertrudes, de três anos, roxa, com fôlego cortado, vendo a hora de morrer de coqueluche. O menino já não tinha mais o que defecar, coitadinho nos panos só vinha água. A netinha era só dizer - Vó, ói, lá vem ela, vó, e já soltava uma tosse de cachorro saída dos bofes e pronto. Perdia o fôlego, arroxava-se que só quem vai morrer.

Essa semana de doença lhe fizera esquecer inclusive a morte da esposa e da filha, uma atrás da outra, na última seca. Elas, com a lavagem de roupa e uma demão na roça ajudavam a tapear a fome dentro da tapera. Sempre pedira a Deus para morrer antes delas, mas não fora atendido embora fossem eloquentes os seus argumento: idade avançada, saúde agravada pela “gastura” e pelo peso da boca do estômago e tontura toda vez que abaixava a cabeça. Julgava-se um inútil assim, um dia na enxada e dois na esteira.

Passou tudo isso e mesmo as flatulências se foram com a meia certeza, ou quase certeza, de um dia, dispor de dinheiro para cuidar os dois netinhos. Era tudo o que possuía. Daí a pouco, com cinco ou seis anos, a exemplo dos meninos de Zé Quimara, os seus netos já lhe poderiam adjutora no carroto da água, no corte da lenha e na limpa do milho ou de mandioca.

Tudinha, por exemplo, refletia o velho na ladeira da Serra do Caixão - já é muito jeitosa. No tabuleiro cata gravetos para fazer fogo e bosta de boi pra se vender na rua.

Tudinha e Toín, quando ficarem grandes, terão sobrenomes de Jesus. Gertrudes Maria de Jesus e Antônio José de Jesus. Com efeito, a filha morrera e não lhe confiou o segredo. Mas se supunha que o pai dos meninos era aquele almocreve da tropa de Felipe Santos que sumiu pro Goiás e até hoje! Quem sabe? Nem

notícia. De acordo com a tradição, menino sem pai leva Espírito Santo ou Jesus no sobrenome: sem mãe, o sobrenome é da Conceição; e quando o pai e a mãe são desconhecidos, o sobrenome tem que ser "dos Santos". Mas tudo é filho de Deus!

Batucando essas e outras coisas na cabeça, o velho, com a calça de casimira no saco, rompia léguas sem sentir cansaço. Depois da chacinha do coronel Félix Araújo, achou-se fora de perigo. Pediria vestir de novo a roupa pelo direito porque os feiticeiros e rezas fortes não mais o lançariam. Deu graças a Deus e entrou na rua da Correntina, ao entardecer.

A feira tinha acabado, Restos de baixeiros com marcas de pisaduras de lombo de animal, cangalhas, brucas e esteiras se espalhavam no chão da praça de dona Suçu do finado cordeiro. O sol já queria baixar. Não sofreu dasãimo, entretanto. Com a coisa mais ou menos planejada, o velho entrou na tenda de alfaiate mai próxima, a de lozinho-irmão-de Vivido Capitão Miguel Coimbra. Alegou que a calça era de um filho que morrera ao retornar de São Paulo e cujo enterro lhe deixaria dívidas.

- Vale mais, Seu lozinho, mas, porém quarenta mil réis me aliveia e a precisão é grande lá em casa.

Ao procurar algum estrago de traça, lozinho se surpreendeu. Com o bolso oblíquo, cós alto de três botões, " moscas" duplas e ponto " pé de galinha" no forro dos quartos só poderia ser a calça que ele próprio fizera quando discípulo de Nezim Lisboa.

Três palavras com Miro Telegrafista e tudo estava esclarecido. Logo mais o delegado Pedro Coimbra destacava dois praças para conduzir o ladrão a Santa Maria. Mas dose léguas a pé.

Dois dias depois a missa da Padroeira de Santa Maria foi solene. A professora Zizi, Dona Áurea - Mãe de criação de Almerinda e Miminha, a Dona Áurea de Domingos Costa, Aurora de Nezim de Aurora e outras cantaram no coro com acompanhamento de Seu Argemiro Filardi, na flauta, Seu Honor-do-Cinema-Mudo, no violino, e Quinca Ataíde no saxofone. Muita gente da cidade e dos brejos. Só de foguetes aviados por Zé de Santinha gastaram-se mais de vinte gurândolas, sem se falar nos foguetões solteiros de três tiros e nos "caramurus" e "adrianinhos" do comércio.

Almoço de três bois, dez porcos, vinte perus e mais de cem galinhas para o povo da cidade e para o povo do mato, brejeiros e catingueiros. Cachaça "Santa Clara" de Seu Nezinho Coelho, uma dorna; e duas pipas da "Sem Rival" de Quinca Afonso.

Como sempre o drama da Cavahada só tem na festa do Divino, na da Virgem, à tarde, com a quebra da quentura do sol, só saiu a procissão cantada do benedito e tocada de dobrados de filarmônica. Esse ano foi a mais comprida. Satú Sacristão e os coroinhas já iam pra lá da casa de Presilina, defronte Justina Bedocha, eo andor de Nossa Senhora ainda não havia saído da Matriz. Andores do Coração de Jesus, do Santíssimo e o de São Sebastião Amarrado e Flechado que haviam emprestado do oratório de dona Amanda de Tião ia ao lado da Virgem.

O areião da Rua de Baixo era grande de modo a forçar mudança no itinerário. Além disso, a poeira toranava cada vez mais roucas as vozes piedoras que antoavam o costumeiro Queremos Deus. Feito um atalho na esquina de Dona Senhora pra pegar a Rua de Agostinho Pança e de Seu Minas-Estrangeiro e

desembocar na Praça do Pequizeiro e decer a Rua de Manuel Bobó e de Dona Janoca, a procissão voltou triunfante à Rua de Manuel Afonso e atravessar o riacho em frente à casa de Seu Dutra de Siá-Doida-Mãe-de-Ernesta-de-Zé-Carretão-e-da-Finada - Laura-de-Joaquim-Bodeira-Pai de Netim, Napu, Nestor, Nini e Neuza.

Com o foguetório defronte à casa de Zé Teixeira de Siá Febronia, já na rua da Vantajosa, onde teve gente restabelecida de saúde por crença, a banda vibrou alto o dibrado mais alto em que trabalhavam o trombone de Celso Afonso, o bombardino de Zé Neto, a tuba de João Boca Velha e o clarinete de Joãosim de João Barros.

Quase ninguém nas janelas porque o povo quase todo estava na procissão. Os homens mais ricos deixaram pra acompanhar o préstito desse ponto em diante, com chapéu à mão, casimira ressecada e sapato de verniz.

Os cânticos sacros pereceram dasafiantes na esquina da escola protestante de Dona Rosa-de-Otaviano Magalhães-do-Correiro, mas arrefecendo, logo em seguida, rua da Lagoa acima.

Tanto nas procissões, como até mesmo dentro da igreja, nas missas e beça do Santíssimo, nunca faltam capadócios para atazanar os mais pobres.

Se o paletó é comprido demais, os deboches falam de paletó de aparar-facadas, porque o defunto era maior do que o herdeiro. E se trata de paletó curto em demasia eles chamam de paletó-de-cagar-em pé, pra não falar das calças de pular brejo. O que é certo é que o Pai de Zé Grande ia quase no rabo da procissão com um paletó de brim que na primeira lavagem encolheu demais. Os capadócios caíram de cima dele gritando discretamente colete curto! Quando ele virava pra trás todo mundo ficava sério. Era Messias Corcunda-de-Dona-Isolina-de-Quinca Borba que atentava o Pai de Zé Grande. Lá pras tantas, em frente à casa de Seu Nezim-da-Fessora-Etelvina, Dona Áurea puxou o hino:

Os Anjos, todos os Anjos.

Louvado Seja para sempre amém.

Quando o povo todo já estava cantando "os anjos, todos os anjos", alguém gritou alto: colete curto! Distraidamente o Pai de Zé Grande, também cantando, trocou as bolas: "colete curto é o cu da mãe!"

Satú, Saturnino Pereira, sacristão, filho de sacristão, o velho Marcolino (irmão de Zé Piau) pai de Adalberto, também sacristão, era quem mais tinha condições e poderes para ratificar ou retificar o itinerário do préstito. Medira, com o descambar do sol, o tempo a se gastar no retorno Á Matriz, onde antes do jantar, ainda se deveria ministrar a Bença do Santíssimo com a tamtum Ergo e aos sons do Hino Social da Banda, dos repiques do sino grande e dos foguetões de vareta de taboca. Compartira, longos anos, desde menino, de procissão, "via-sacra", "furto-de-santo" e outros atos litúrgicos campais, onde a combinação do tempo com a distância a percorrer entra como fator de sucesso. De forma que não hesitou, sol baixo, em suprimir o resto da rua da Lagoa, quebrando à direita, na casa de Tenente, pra sair do beco de Zé Bras Consertador de Tacho. Deixou sem procissão, é verdade, as casas de João Barros, Porcina esmoler, Siá Feliça, Francisquim Fiscal, Guarani-Fazedor-de-Carranca-deBarca, Deraldo Gazozeiro, Zé Carretão e outro, porém ganhou tempo buscando logo a Rua da Caatinga.

A manobra Satú a fez sem receios de desaprovação por parte de Cândido Bedocha, seu concorrente, Cândido-Batedor-de-Sino, como era mais conhecido o altareiro da igreja do Menino Deus. Este não lhe regatearia muxoxos de crítica caso presenciasse o desvio. É que Cândido, desde meio dia, se achava ocupado com um anjo.

Não havia melhor que Cândido Bedocha para anubciar com repique alegres, festivos, a subida de um anjo ao céu, do mesmo modo que, no sino de defunto, compassado e triste, deixava claro a gravidade do momento em que, por ter sido casado, o falecido tinha em pendência o seu destino à mansão celestial; ou ao Prugatório só de brasa e borralho, ou, ainda, - o que seria mais certo - ao Inferno de labaredas de fogo de angico e breu inglês. Cândido sempre foi o maior sincero daquele Rio Corrente, além de ser quem melhor conduzia a "Via-Sacra" anunciando-lhes os Mistérios, em legítimo vernáculo da Santa Maria, assim inteligíveis e ao alcance do povo.

Ganhava pouco com isso: um mil réis para dobre alegre de anjo, dois para dobre triste de defunto pecador. As mulheres adultas e sabidamente virgens tinham direito aos dois tipos de dobres e de modo intermitente, o triste alternando o alegre e vice-versa. O ganho de Cândido Bedocha só veio melhora quando o Prefeito Bacharel em Ciências Contábeis Clóvis Araújo Castro, criou um posto para beneficiar esse sineiro da Rua de Baixo. Isso só foi possível impondo um rigoroso horário para o comércio: das 8 às 12 e das 14 às 18 horas. Com provento de 15 mil réis por mês Cândido havia comprado um relógio Roskoff, a fim de garantir em horas certas o anúncio que a lei determinava, tranquilizando assim os comerciantes logistas ou bodegueiros, principalmente Zuza Normanha e Arnaldo Borba, na meia hora de cochilo no período mais quente do dia.

O anjo morrera de madrugada, mas somente ao meio dia uma alma caridosa apareceu com a notícia e "dois tões do império" a casa de Cândido Bedocha. O sino repicou a tarde toda chamando gente para o enterrinho modesto. E foi um enterrinho mesmo porque o povo todo estava com o sentido na procissão da Virgem. Duas mocinha e meia dúzia de meninos descalços da rua de Terto Queiroz e pronto. Foi todo o acompanhamento de uma criancinha seminua dentro de uma caixa grande de papelão, com a marca da fábrica de guarda-chuvas.

O sino da igreja varou, como sempre, todas as ruas e becos do lugar, vencendo, nas costas do vento, uma légua até o taboleiro do Brejinho, do Coronel Antônio Cruz, onde cortejo estranho levantava poeira da estrada dos carros-de-bois.

Dois soldados montados em burros e, entre uma montaria e outra, a pé, amarrado pela cintura, vinha abatido e trôpego o ancião preso na Correntina. Dormira apenas uma noite a fim de descansado das doze léguas da ida, poder suportar as mesmas doze da volta.

O fardo da fadiga, do vexame moral e da idade lhe era tão pesado e tão duro transe que nem pôde atender para os longínquos sons do "sino de anjo" que lhe furavam os ouvidos. Preocupava-o apavorava-o tragicamente a idéia, mais três quartos de léguas, atravessar as ruas da cidade.



Teve durante toda a viagem, vontade de morrer. A corda que lhe amarraram à cintura, quantas vezes a desejou no pescoço. Se assim o fosse - imaginava - bastaria assustar o burro da frente e jogar terra no de trás e pronto. Nem sentira a dor da morte e se livraria da vergonha, da execração pública que lhe estava reservada daí a pouco. Nas pausas da viagem, alguns minutos, muitas vezes procurou qualquer erva venenosa, cebola braba, cabacinha e nem isso conseguiu.

- Pobre, nem a hora de morrer tem direito de escolher, repetia-lhe o cérebro conturbado a consciência de meio século de pobreza na forma de lei.

Todo aquele pesadelo só serviu para encurtar-lhe a distância. O primeiro choque que recebeu foi na rua da Quixabeira.

- Só vendo castigo, valha-me Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - gemeu fundo a preta Siá Edivirge ao ver passar o preso. Entra pra dentro gente! Ô Tibúrcio, ô Rogério, bota os meninos pra dentro, mode não ver. Ô meu Deus! Santa Cruz! - e se benzeu não sei quantas vezes.

Siá Maria de Seu Manoel Coelho, que vinha do chiqueiro dos porcos, quase que teve um ataque. Mal pôde pronunciar um " Deus me defenfa!" Perdeu a fala.

- Corre gente, acuda, adjutora aqui, que Siá Maria vai morrer! - foi o grito dramático da velha Bertulina Papo-Grande. Inútil. O povo dos mocambos batiam as portas apavorados com a dura provação daquele infeliz.

- Quand'é fé ele nem sabe ainda que a neta já está sendo enterrada. Santa Virgovige!

Resmungava , se benzendo, Limpinha-de-Luizinho-Barbeiro. Deus me livre de filho meu dar pra ladrão. Prefiro uma boa morte. Não falo com soberba - outra cruz na boca - pra Deus não me castigar.

O soldado da frente fez questão de entrar na rua da Caatinga pela rua da Confissão. Era rancoroso e truculento.

\_ É bom, pras putas vê ele assim amarrado pelo rabicho do burro pra nunca mais se meter a roubar calça de casimira dos outros. E não avexe o rojão, não, hum! Pra você ver o animal lhe arrastar daqui até a cadeia.

Trapos de um chapéu de cor quase cobrindo o rosto, cabeça e vista baixa eram a única defesa que resguardavam o miserável da fuzilante curiosidade pública. Mal percebeu a infinidade de garotos esfarrapados, outros nus, meninos-cara-de-fome acompanhando-o processionalmente. Saíram moleques de todos buraco numa enxurrada de andrajos que desaguou na esquina de Henrique de França, mesmo dentro da procissão da Virgem.

Os andadores da Padroeira e de São Sebastião Amarrado e Flechado tremeram nos ombros dos condutores atônitos e retransidos de susto ante a interrupção instantânea e involuntária dos cantos do Ofício de Nossa Senhora de Nezim de Aurora era quem puxava melhor os beneditos. Sentiu uma tremedeira nas pernas e um nó na goela ao terminar a estrofe do Ofício de Nossa Senhora:

Deus salve relógio  
Que anda atrasado,  
Serviu de sinal

Ao verbo encarnado.

O estribilho Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do Mundo ficou no ar por falta de quem o iniciasse face a confusão estabelecida pelo susto da rezadeira. Escaparam apenas algumas vozes desentoadas e tímidas das velhas que circundavam os dois andores e o vigário.

A banda Vitória, que vinha do beco de Zé Braz, preencheu o claro entoadado o dobrado Capitão Elias Borba. É que o maestro Joaquim Lisboa imaginou ter terminado o Ofício de Nossa Senhora.

- Buumm!

- Perê-rê - pê-pê-pê-pê, - Bombo e caixa, respectivamente, precederam o tchinn! dos pratos com Tião de Amanda empurrava na partitura todos os ensurdecadores instrumentos de sopro. A veia do pescoço de Zé Neto sé faltava estourar com bombardino e tudo. Não foi linge: com meia dúzia de compassos binários, só se ouviu o esguicho solto da requinta de Toín do finado Bento. O próprio maestro, Joaquim Lisboa, largou a batuta estarrecido com o quadro vergonhoso e revoltante que a fome à míngua de sua netinha atiraram, na quele por de sol sinistro, à face dos donos do lugar. Mais maestro do que delegado, mais músico do que autoridade, o regente que tantas vezes recusava o cargo policial, tomando a frente do povo abalado de comisseração, ordenou fosse libertado o ladrão, tão logo chegasse à delegacia.

Nezim, com o coração grande, nem quis mais saber da calça de casimira.

O inesperado cortejo quase acabou com a procissão Restaram apenas os andores , as rezadeiras, a banda de música, o padre, Satú, os coroinhas dos lampiões e mais meia dúzia dos de casimira e sapatos de verniz. O grosso do povo seguiu, tumultuosamente, na frente para ver o avô de Tudinha ser libertado.

Otacílio Carvalho, o alfaiate, continuou, a noite toda, arengando com a sogra Siá, Celina:

- Bem que disse que era gente daqui mesmo; gente das pontas de rua que vive morrendo de fome por não ter terra pra plantar.

É de vera!.. concorda seu vizinho Augusto Farmacêutico-de-Nena-do-Major-Leônidas.

- Quem tem, como os brajeiros, ao menos um pedacim de terra, não fome e, por isso, não toca no que é dos outro. Não furta. Furta não.

Casa de Detenção  
Recife, 07 de Outubro de 1964

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

*esperam*

*Aspêras*

*Ásperas*

**CARLOS MOREIRA**